



APRESENTAÇÃO
ARTIGOS LIVRES

A 23ª edição da Revista Trilhas da História chega ao ar junto com a notícia alvissareira da recente divulgação preliminar da Tabela Qualis da Capes, em que nossa revista foi classificada como A4, a maior nota possível para um periódico vinculado a cursos de graduação. Mais que qualquer preocupação com rankings, celebramos porque entendemos que a elevação da revista à faixa expressa o reconhecimento do trabalho de tantas mãos comprometidas com autores/as e leitores/as e com a ciência histórica na divulgação do conhecimento gerado dentro do tripé que compõe a universidade pública brasileira, nem sempre com condições simétricas de incentivo e desenvolvimento.

Como o país vive um momento de renovação de forças, esperanças e expectativas em relação ao fomento científico e educacional, após um período de apagão marcado também pelo reverso, nosso esforço de resistência, produzindo em solos tão áridos, celebramos também por estarmos confiantes de que a luta valeu a pena, e que as trilhas da história tornar-se-ão cada vez mais abertas para os novos desafios que se avizinham. Com isso, resguardamos e renovamos o compromisso com a qualificação, a diversidade, os fluxos e com as oportunidades não apenas para pesquisadores/as experientes, mas também para aqueles/as que estão chegando ao campo. A edição que ora se apresenta materializa tal intenção. Além do bonito dossiê “Usos e Desusos das Linguagens Artísticas”, a seção de “artigos livres, resenhas e ensaios” encontra-se compatível a uma edição que, embora despretensiosamente, tornou-se comemorativa, pois não nos furtamos de celebrá-la.

O primeiro artigo é intitulado “Walter Benjamin: Rememoração e Imagem Dialética”, escrito por Danillo Freire Pacheco e Manoel Gustavo de Souza Neto, e cuja pergunta que pretendem responder ao analisarem dois conceitos-chaves da obra de Benjamin é “será a rememoração capaz de operar como uma redenção da tradição histórica?” No artigo, os autores estabelecem uma importante discussão com domínio das obras em debate e com conceitos de apoio, que instrumentalizam via diálogo fluido, nos permitindo alcançar o que é complexo e absolutamente importante para compreendermos os pilares e condições fundamentais da memória e da experiência no âmbito da ciência a que nos dedicamos.

O artigo seguinte dá boa continuidade ao embalo de erudição e abstração teórica e conceitual ao primeiro. Com o título de “Método Histórico na Historiografia alemã (1736-1913)”, escrito por Itamar Freitas, o segundo texto da seção de artigos livres é uma visita aos paradigmas originários da ciência histórica. O autor elenca os usos das palavras “método”, “metodologia” e Methodik em impressos que veicularam reflexões metahistóricas em língua alemã, entre meados do século XVIII e início do século XX. De forma didática, o artigo também traz a análise das condições de possibilidade de tais designações terem se transformado em conceitos históricos em manuais de Teoria da História e de Metodologia

da História, empregados na formação universitária de profissionais da História.

O terceiro texto da seção chama-se “Breves apontamentos sobre a história da imprensa de língua francesa no Brasil entre princípios do século XIX e meados do século XX” e foi escrito por Meg Dias Bogo, preocupada em estabelecer discussões acerca da presença de jornalistas franceses e suas publicações em solo brasileiro. Embalada por uma produção de base sobre estudos dos periódicos e das transferências culturais transatlânticas no campo da imprensa em direção e a partir do Brasil, a autora mira a produção francófona por aqui como integrante de um intercâmbio que não se limita a questões colonialistas, embora não deixe de olhar aos contextos migratórios e lugares de poder no estabelecimento da legitimidade de periódicos em narrar o que se passava neste lado do Atlântico, a partir do XIX. A autora salienta que foi realmente impressionante o número de jornais em língua francesa circulando até meados do século XX, o que torna este nicho de estudos uma potência da perspectiva de uma história global que também informa muito sobre nossa própria história.

O quarto artigo livre da edição nos aproxima da história de Três Lagoas – MS, sem olvidar a relação com a totalidade, resultando em um texto de profundidade teórica e histórica que deve despertar o interesse tanto de pesquisadores/as quanto de leitores/as interessados/as em compreender criticamente a realidade que nos cerca. Intitulado de “Superexploração da Força de Trabalho na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1930): Breves notas sobre o papel dos trabalhadores na formação do município de Três Lagoas-MS”, o texto de André Luis Amorim de Oliveira lança mão da Teoria Marxista da Dependência (TMD) para destacar tanto as forças de produção do capital estrangeiro quanto o papel dos trabalhadores da NOB nesta região, apresentando e analisando fontes, especialmente de periódicos do período, que expressam a superexploração do trabalho e as manifestações de consciência e resistência operária.

Na sequência de artigos livres, temos o texto “Memória das Ditaduras da Argentina (1976-83) e do Chile (1973-90): Convergências e Divergências em Instituições Latinoamericanas”, de João Gabriel Rabello Sodré, que nos convida a conhecer instituições argentinas e chilenas de memória de suas ditaduras, incluindo imagens que nos levam aos espaços de sua análise. O autor discute a relação entre tais lugares de memória, o conceito e os contextos da chamada Maré Rosa, entre convergências e divergências. Para Sodré, a despeito das divergentes narrativas, os referidos lugares visitados são tributários da Maré Rosa especialmente no sentido de seu corolário, pela ampliação do debate público e das políticas voltadas aos direitos humanos.

Ainda no escopo de artigos livres, mas com pinceladas de uma resenha crítica com atualização do debate, encontra-se o sexto texto da seção, de Rubens Arantes Correa,

com o título “Jacobinos Negros: Narrativa e interpretação da Revolução Haitiana em C.L.R. James”. Correa propõe um exercício de história intelectual centrado-se na história da obra e de seu autor, em relação ao que considera o único levante revolucionário vitorioso liderado por negros nas Américas, isto é, a revolução haitiana. Para isso, atravessa o caminho do percurso e das redes de trocas de experiências profissionais, acadêmicas e ideológicas do autor caribenho, identificando, na obra, elementos determinantes de sua escrita e narrativa.

Finalizando a seção, apresentamos dois ensaios de graduação, na aposta de que incentivar a produção intelectual de alunas e alunos enriquece não apenas suas trajetórias, mas a nossa instituição e as revistas acadêmicas horizontalizadas pela resistência do tripé que fundamenta o ensino superior público brasileiro. De lambuja aos leitores e leitoras desta edição, os ensaios estão bastante alinhados ao presente dossiê, “Usos e Desusos das Linguagens Artísticas” e apresentam intersecções e perspectivas caras à pesquisa histórica, transitando entre arte, raça e gênero.

O primeiro ensaio, de Rafaela dos Santos Teixeira, chama-se “Circe e a Métis: gênero, mitologia e magia na Odisseia”. Nele, Rafaela Teixeira trabalha elementos da referida personagem Circe, da Odisseia de Homero, especialmente sob aspectos de gênero e magia em contextos helênicos, em que demonstra a transformação de sentidos atribuídos a seu *phármakon*, mais tarde associado à magia, e que originalmente não possuía caráter negativo, utilizado inclusive por outros personagens. A autora aborda ainda a condição da personagem estudada enquanto mulher portadora de *métis*, este sim elemento que lhe atribui sentido pejorativo, pois permitia-lhe inverter a ordem da hierarquia social estabelecida.

O último ensaio foi escrito por Juliana Tao sob o título de “A formação da identidade étnica racial asiática através de estereótipos: Hollywood como ficção ou realidade?” No texto, Tao aborda as relações entre as representações cinematográficas e a constituição identitária oriental com a análise de três obras hollywoodianas: *Gran Torino* (2008), *A grande aposta* (2015) e *o Mundo de Suzie Wong* (1960). Para isso, a autora indica uma estrutura de crítica definida a partir de aspectos pontuais dos longas-metragens representativas cotejando-as nas seguintes pautas: “o mito da Minoria Modelo, a disseminação da noção de “perigo amarelo” por meio de vilões e a representação da mulher asiática”.

Entrelaçados pelas tramas da arte e da história, nas mais diversas abordagens e objetos que a historiografia preza, a 23ª edição da Revista Trilhas da História celebra a História e suas interrelações com outras ciências que se fizeram presentes nos artigos, e a entrada de um novo ano com promessa de novos tempos para quem pratica a ciência no Brasil.

Esperamos que gostem.